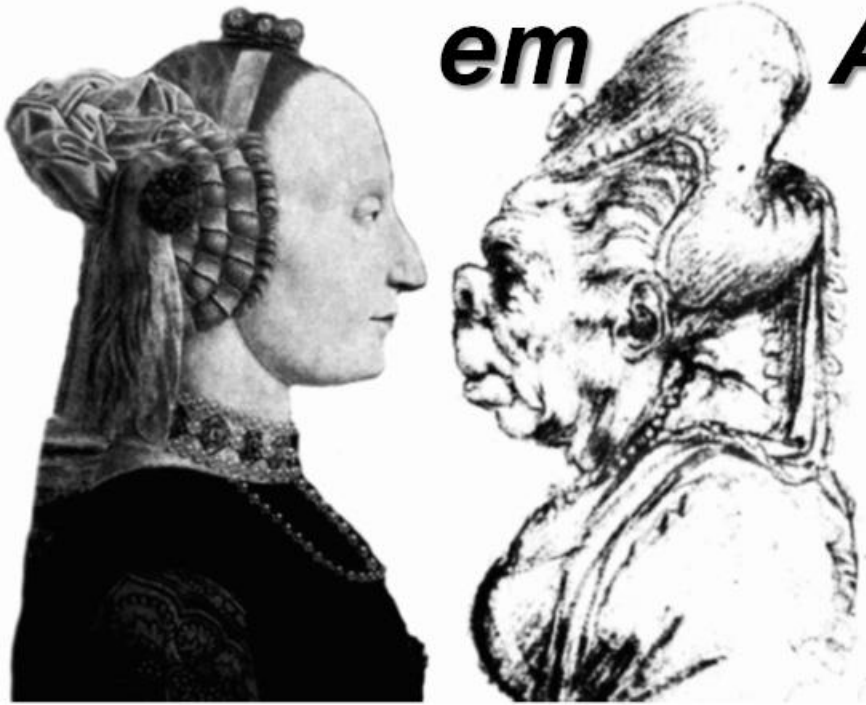


***O Belo e outras
Categorias Estéticas
em Arte Visual.***



Professor Dr. ISAAC A. CAMARGO

Expediente:

Revista: Reflexões sobre Arte Visual

Publicação Atual e Anteriores:

<http://www.artevisualensino.com.br/index.php/revista-reflexoes-sobre-arte-visual>

Editor/Autor: Professor Doutor *Isaac A. Camargo*

Dados sobre o autor – Plataforma Lattes:

<http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4790878E4>

Projeto de Ensino: Resolução N.476 – CAS/FAAALC/UFMS, 09/08/21

Edição:

Reflexões Vol.5, No.19, outubro 2024 – *O Belo e outras Categorias Estéticas em Arte Visual.*

Periodicidade: quinzenal

Campo Grande - MS

Capa: Retrato de Battista Sforza por Piero della Francesca e imagem caricatural produzida por Leonardo da Vinci, tratadas digitalmente.

Os conteúdos aqui publicados tem a finalidade de difundir conhecimentos no campo da Arte Visual sob o ponto de vista do autor.

É permitida a reprodução total ou parcial dos trabalhos desde que citada a fonte.

O acesso é público e gratuito.

Esta publicação é informativa e não tem qualquer finalidade comercial.

Qualquer pessoa ou instituição que se sentir prejudicada em relação aos conteúdos, informações e imagens aqui apresentadas, devem entrar em contato: isaac_camargo@hotmail.com

APRESENTAÇÃO

*A revista **Reflexões sobre Arte Visual** tem por finalidade discorrer à respeito de obras de Arte, períodos, artistas, situações e acontecimentos no intuito de difundir conteúdos neste campo do conhecimento a partir de meus projetos e proposições de ensino e produção artística.*

Os temas escolhidos para os artigos dizem respeito a Arte Visual como um fenômeno cultural e suas relações com o contexto social.

Com certeza você já ouviu dizer que uma Obra de Arte é Bela, mas também Sublime, Feia, Grotesca entre outras qualificações possíveis. Ao ouvir qualquer um destes adjetivos tenha a certeza que está diante da designação de uma *Categoria Estética*. Entretanto, quais são elas e para que servem? Diversas categorias surgiram, ao longo da História da Arte e da Estética, com a finalidade de abordar, classificar, conceituar e se referir às Obras de Arte.

Na medida em que os modos de produzir e pensar Arte se transformaram, também se transformaram os modos de se referir a ela. Tais categorias ajudam a perceber, apreender e refletir sobre a produção artística. São recursos destinados a facilitar a compreensão das Obras de Arte e possibilitar sua apreciação. Identificando as categorias às quais elas pertencem ou se parecem é possível ampliar os meios para apreciá-las e entendê-las.

Não se pode ignorar também que algumas delas se tornaram anacrônicas, ou seja, perderam o sentido na atualidade, do mesmo modo que outras surgiram e ocuparam seu lugar. As Categorias tem validade no espaço e no tempo, assim como outras condicionantes das Obras de Arte. Nem tudo o que se pensava sobre a Arte no passado continua valendo para a Arte do presente. Há que se compreender a necessidade de atualização do pensamento estético a cada momento histórico.

Neste sentido as categorias podem ser tanto novas, quanto velhas, podem ser elucidadoras ou complicadoras, podem ser complementares ou opositivas, convergentes ou divergentes, enfim, para identificá-las, entendê-las e aplicá-las é necessário, primeiro, conhecê-las. O primeiro passo é entender o próprio conceito de Categoria Estética. São duas palavras acopladas cujo sentido assume uma significação específica, ou seja, passa a ser um termo técnico/artístico.

O sentido da palavra categoria nos dicionários diz respeito a uma concepção genérica que designa classes ou coisas que têm algo em comum. Contudo, este sentido não basta para o tipo de reflexão que se propõe aqui. Então é necessário olhar por outro ângulo, neste caso, o da Filosofia. Aristóteles foi o primeiro a conceituar este termo em busca do conhecimento sobre o *ser*, mais tarde Kant retomou o tema e o estudou em relação ao *conhecer*, ao conhecimento puro.

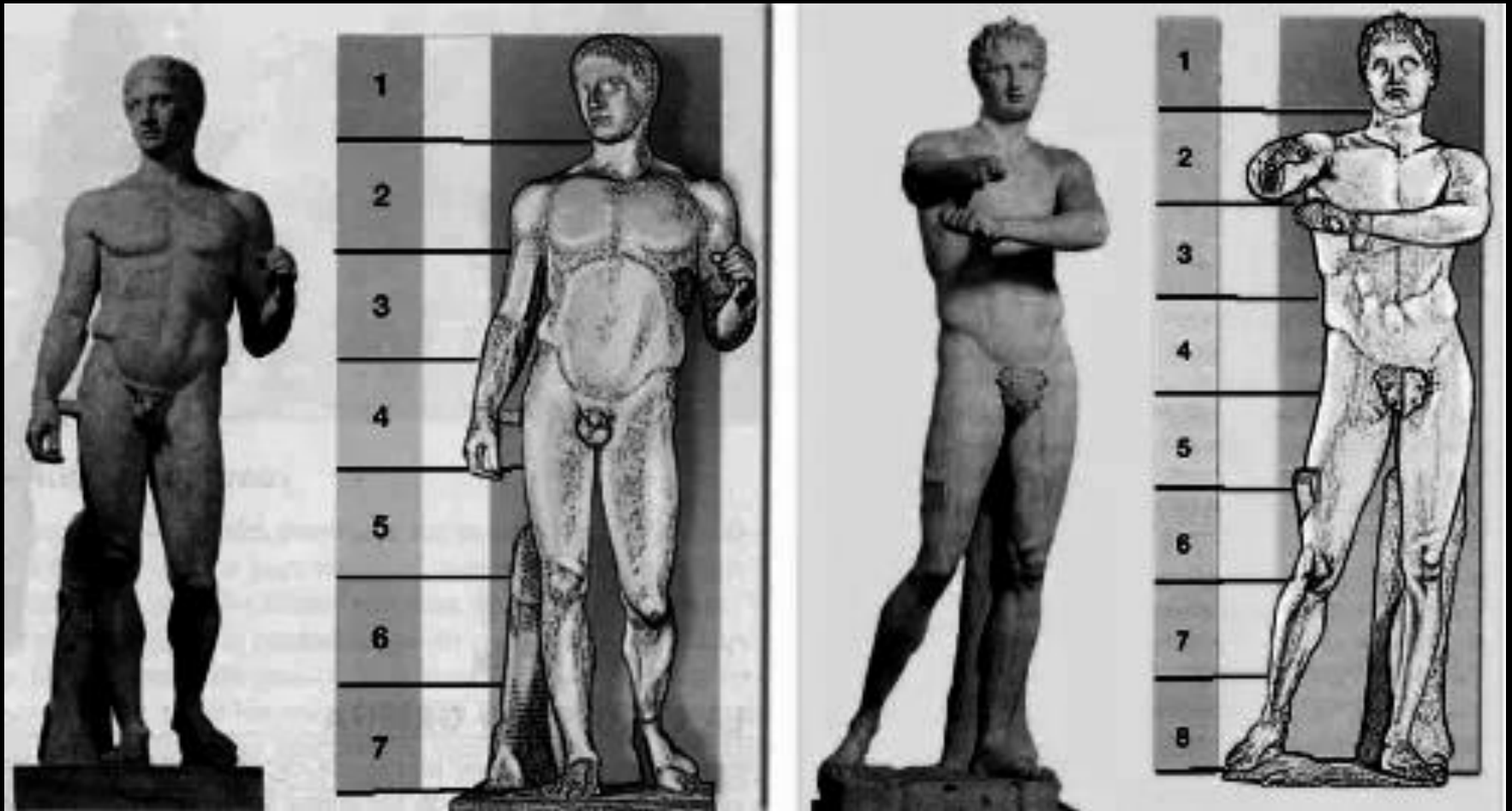
Tal palavra, portanto, pode ser tomada como conceito de conhecimento, ou seja: *episteme*. Sua complementar: Estética, surge com Baumgarten e se torna o campo dos estudos dedicados ao conhecimento da Arte. Portanto a junção das duas formam um indicador de pertinência e caracterização de aspectos formais capazes de facilitar a compreensão das manifestações artísticas enquanto tais. Assim é possível entender como surgiram, como funcionam ou são usadas.

A categoria mais comemorada, ao longo do tempo na Arte Visual e até influenciou o senso comum foi a do *Belo*. Originalmente o conceito de Belo, oriundo das reflexões dos filósofos gregos, se referia a qualidades percebidas especialmente na natureza, depois nas ações, no bem ou útil e na aparência das coisas. A palavra que os estudiosos da filosofia grega encontraram é *kalos*, um adjetivo usado para significar algo que se aproximava da ideia de belo, mas não da beleza em si.

O *Belo/Kalos* está, na maioria das vezes, associado a aspectos não materiais, mas metafísicos, espirituais ou a ideais e valores morais do que à aparência das coisas. Platão considera o belo como algo inteligível, mas que almeja a ordem e o prazer, portanto, relacionados à lógica e ao subjetivo. Por outro lado, defende que a natureza é uma cópia imperfeita do *Mundo das Ideias* e a Arte duplamente imperfeita por mimetizar o que vê, logo, tinha restrições em relação à Arte e sua República.

Considerando a busca por um Ideal de Beleza metafísico, a Arte grega recorre a configurações formais que demonstram uma normatização revelada pelo uso de cânones e modelos que vão se revelar no período Clássico. A simetria, estilização anatômica, estática e cenográfica dos corpos, as feições faciais impassíveis e inexpressivas, sem identidade ou personalidade revelam idealizações que representam entidades como deuses, atletas, guerreiros e não pessoas.

Tais representações são tomadas, portanto, como corporificação idealizada do belo, mas que não se confundem com a aparência do mundo natural. As imagens produzidas não são pessoas ou indivíduos. A anatomia não é real, mas esquemas, padrões estruturados segundo normas que operam por meio da lógica geométrica, de convenções, de dimensões e proporções racionalizadas, não apreendidas da aparência das coisas do mundo, são simulações.



Comparação de padrões/cânones de proporção do corpo humano entre esculturas de Policleto (sete cabeças) e Lisipo (oito cabeças). (<https://sites.google.com/site/pistasdeplastica/30-eso/canon>)



Observando as faces de representações masculinas e femininas da estatuária grega nota-se poucas variações em relação a aspectos fisionômicos, percebe-se portanto um “padrão” ou “esquema” recorrente. Neste sentido não se pode dizer que tais manifestações recorram à imitação da natureza como se mostra ao olhar, mas a uma Idealização. Não se trata de pessoas em particular mas de uma forma genérica e naturalizada de representação. <https://br.pinterest.com/maiaseidel/classic-greek-for-theatre-makeup-class-student/>

<https://br.pinterest.com/maiaseidel/classic-greek-for-theatre-makeup-class-student/>



O padrão se repete. À esquerda Baco, 1496-97 e Davi, 1501-04 de Michelangelo. À direita Apolo, 1791-92, e Hebe, 1800-05 de Canova. Todas elas recuperam o modelo clássico greco-romano promulgado pelas academias do Renascimento e pelo Neoclássico, reforçado pelas Escolas de Belas-Artes francesas.

A cultura ocidental, amparada na concepção estético/conceitual na Arte da antiguidade greco-romana, reciclada pelo Renascimento e institucionalizada pelas Academias, consolidada e expandidas pelas Escolas de Belas Artes francesas, acabou modelando a concepção de Belo como algo estável, agradável, bonito, desejável como meta formal, ética, moral e ideal. Isto facilitou sua tradução por beleza, bonito, harmônico, agradável e... Hegemônico.

Supondo que Categoria Estética do Belo já foi esclarecida pode-se dizer que esta concepção foi se arrefecendo e se tornando menos sustentável e defensável em razão de novas condições artísticas. Neste sentido, surgem outras categorias que a negam, relativizam, complementam ou expandem, um destes casos é o da Categoria Estética do Sublime que toma por base a grandiosidade da natureza e como ela influencia a apreensão sensível humana.

A percepção humana é capaz de apreender e introjetar os aspectos fenomenológicos da natureza identificando-os e classificando-os. Kant vai definir o Sublime como o natural que ultrapassa o humano em dois sentidos: um relacionado à dimensão e grandiosidade e outro relacionado ao poder que ele exerce, ambos impõem admiração e receio. Neste sentido o Sublime é um valor que supera o belo comum, mundano, estável e previsível e o substitui pelo imponderável.

Nesta linha de raciocínio, a grandeza e imponderabilidade da natureza também provoca apreensão, pode-se destacar então mais duas categorias que elevam esta apreensão ao limite a categoria do *Feio* e a do *Grotesco*, ambas destituem as qualidades eufóricas e positivas que, emanam do *Belo* e do *Sublime*. O *Feio* antagoniza, não a ideia do belo pois, pelo que se viu, não é o bonito, nem agradável, mas um conceito metafísico. Neste sentido o *Feio* se refere à feiura.

A feiura material obtida da aparência visível, se opõe ao conceito coloquial de beleza/bonito como algo desagradável ao olhar e ao conhecimento. O *Feio* se torna um recurso disfórico que intensifica as emoções, os afetos em relação às obras tornando-as mais intensas, mais agressivas e mais eficientes em termos de comunicar ideias e valores, especialmente para expressar críticas sociais e sofrimento humano. É uma provocação com a finalidade de motivar reações opostas ao sistema.

O *Grotesco*, pode recorrer ao exagero, à extravagância, à feiura, ao mau gosto e ao escatológico no sentido de fascinar ou provocar repulsa e nojo. Não é uma oposição, mas sim uma posição, um posicionamento consciente e deliberado em relação a algo que incomoda a quem realiza a obra ou a quem a obra se destina. Ainda na linha dos aspectos passionais, há outras que evocam situações semelhantes: as categorias do *Sinistro*, do *Trágico* e do *Horror*.



Um exemplo típico do Grotesco do Horror ou Sinistro é “*Saturno devorando o filho*”, 1819-23, Francisco Goya, à esquerda. Ao centro, o feio pode ser representado pela “*Duquesa Feia*”, 1513, Quentin Matsys. À direita “*A morte de Marat*”, 1793, de Jacques-Louis David, mostra o Trágico. O que se vê é uma contenda entre o conceito de Belo, neste caso acoplado à ideia de bonito e agradável em contraponto ou confronto com a ideia de feio, que leva a várias possibilidades de representação semelhantes ou associadas.

O Sinistro desencadeia sentimentos de estranhamento, desconforto, suspense e instabilidade emocional. O trágico se refere à desarmonia, à quebra da normalidade entre estabilidade e instabilidade, angústia e sofrimento. O Horror instiga medo e apreensão. Todas podem recorrer a situações perturbadoras provocadas por elementos de diferentes aparências que podem ser feias ou grotesca e mesmo agradáveis desde que o efeito sejam sentimentos desagradáveis.

Pode-se destacar também categorias mais leves como a do *Cômico* e do “Meigo” que, na acepção nipônica, é classificada como *Kwaii*. O *Cômico* tende a provocar sentimentos eufóricos, agradáveis como o riso, mesmo sardônico ou irônico, mas que não atinge o estágio de apreensão disfórica. A do *Kwaii*, do Japão, que se refere a obras de aspectos agradáveis, sensíveis, infantis, lúdicos, ternos, afetuosos, afáveis e amistosos. Há o “brega” ou *Kitsch* que se refere ao mau gosto como categoria.



A obra “*Rindo*”, à esquerda, atribuída a Jacob Cornelisz van Oostsanen, 1500, tenta contaminar o espectador pelo riso. À direita uma imagem criada por IA, configurada no campo o Kwaii, evocando a graciosidade e meiguice de figurinhas “fofas”, também pode ser enquadrada na categoria Kitsch.

O *Kitsch* é caracterizado pelo exagero, pela produção em massa que, em geral, é de baixa qualidade, de baixo custo e destinada a fins ornamentais e decorativos. Recorre a estereótipos veiculados pela Indústria Cultural e pelo mercado de bens de consumo. Em oposição há a categoria do *Raro* que se distingue pela unicidade, singularidade, escassez, exclusividade e preciosidade como pontos passíveis de valor. Por fim, pode-se olhar para aspectos ingênuos, espontâneos de certas obras.

Sob este ponto de vista, pode-se identificar a categoria do *Ingênuo*. Em fins do século XIX e início do XX obras produzidas por artistas autodidatas, informais ou espontâneos passaram a ser consideradas no contexto das manifestações artísticas. A aparência singela, rústica, precária eram fatores que as distinguiam das demais e demonstravam a insipiência de seus autores. Mais tarde surge o termo Art Brutt, usado por Jean Dubuffet para designar certas obras.



À esquerda, uma obra de Romero Britto, típica o conceito de Kitsch. Ao centro, Henri Rousseau, inaugurou a categoria do Naïf ou Ingênuo no contexto da Arte no século XIX. À direita uma obra de Adolf Wölfli, 1919, representa o que Jean Dubuffet classifica como Art Brut ou Arte Bruta produzida por pessoas à margem da sociedade, outsiders, em geral internas em instituições de saúde ou reclusas.

Tanto os artistas classificados como Ingênuos ou Brut têm em comum características como: o espontaneísmo, a falta de aprendizado formal, o desconhecimento do contexto histórico, conceitual e técnico da Arte. Isto lhes proporciona liberdade na escolha de temas, materiais e formas ao mesmo tempo que lhes confere aspectos distintos e diferentes do que se vê ou se entende por Arte em contextos eruditos em relação aos populares ou étnicos.

É possível pensar também em categorias que atendam aos processos difundidos na contemporaneidade como os performáticos, instaladores, interventivos, e também os tecnológicos e midiáticos. Não estaria totalmente fora de conjectura, nem é de espantar, a possibilidade de que surja logo, logo a categoria de Inteligência Artificial centrada na apropriação e replicação de dados, informações sobre tudo e de outras categorias estéticas já existentes. Quem viver verá...



As duas imagens acima revelam a suposta categoria de Inteligência Artificial. Percebe-se que foram baseadas nas obras de Van Gogh. Este recurso envolve questões polêmicas. Uma delas é a ausência de Autoria pois, como se trata de compilação de imagens já disponíveis na rede mundial, não podem ser consideradas criações originais. Cometem também uma falha ética na medida em que ignoram e suprimem a autoria dos autores originários, de fato e de direito.

Bem se a primeira questão que era saber quais são elas já foi razoavelmente atendida, resta tratar da segunda: para que servem?

De modo geral as Categorias Estéticas tem por finalidade, como diz o nome: categorizar significa identificar e descrever funções, conceitos e efeitos entendidos ou cobertos por elas. Alguns dos aspectos relativos a elas se referem às sensações, efeitos e emoções provocados pelas Obra de Arte que podem ser explicados por elas.

Esta é a função mais plausível das categorias estéticas, ou seja, servirem de parâmetro para aferir e identificar os efeitos gerados pelas Obras de Arte sobre as pessoas. Tais efeitos se referem a sentimentos provocados a partir das características formais que constituem as obras, desde os aspectos materiais, temáticos e conceituais que são, grosso modo, estéticos. O significado original da Estética, do grego *Aisthesis*, que vem de Sensório relativo à percepção e não ao Sentido.

A Estética relativa ao conhecimento da Arte em relação aos sentidos, significados e processos constitutivos, surge no século XVIII com Alexander Gottlieb Baumgarten. De lá para cá o conceito de Estética se dedica a investigar, explorar e promover o conhecimento *sobre e em Arte*. Antes disso, os estudos que especulavam ou se dedicavam à Arte estavam sob a ótica da Filosofia dedicados às explicações das Obras de Arte enquanto manifestações.

A Estética, por sua vez, ao surgir, passa a ser concebida como um campo de pesquisa, investigação de modos, processos de criação e concepção artísticos em busca elementos que contribuam tanto para a compreensão das obras de Arte, enquanto manifestações socioculturais, quanto em relação aos seus processos pragmáticos, conceptivos, criadores e criativos. Nestes casos pode-se dizer que a Filosofia estuda as obras de fora para dentro e a Estética de dentro para fora.

Portanto Filosofia da Arte e Estética são campos diferenciados. Embora os objetos de estudo sejam os mesmos, as abordagens são distintas.

Contemporaneamente se prioriza uma abordagem Estética Analítica, ou seja, um caminho que não se prende ao historicismo anacrônico, mas que se dedica a desvendar o presente de acordo com a práxis realizatória e seus efeitos comunicativos em relação ao que ela diz em oposição às interpretações subjetivas.

A função estética passa a ser mais importante do que a função plástica. Não se avalia mais se uma obra possui características que a definem com pertinente ou não a uma ou outra categoria estilística, movimento ou tendência, mas se ela realiza a promessa ou função de *Ser Arte*, neste sentido, como afirma Nelson Goodman, o problema não saber *o que é Arte*, mas sim *quando algo é Arte*. Há, nesta colocação um elemento racional que tende a designar como Obra de Arte algo cognitivo.

Nesta linha de raciocínio, não cabe mais tentar detectar o “prazer” ou “gosto” como elemento detentor ou diferencial de condição artística ou estética, mas sim de identificar as qualidades conceituais, conceptivas e propositivas que instauram algo como Arte. Por mais que se ouça falar sobre a decadência da Arte, a ausência de critérios estéticos ou críticos, por mais que se estranhe ou irrite com certas obras e proposições atuais, não é possível ignorá-las.

Mas também não é razoável aceita-las sem reflexão, ponderação e análises. O contexto dos estudos *sobre e em Arte* são complexos e dinâmicos. Ora o que vale são as obras, ora valem os processos, ora valem os críticos, ora valem os filósofos, mas os que valem, de fato, são sempre os artistas. No entanto, não como artistas biografados, “genializados” ou ricamente comercializados, mas sim como geradores de Arte, valorizados pelo que criam, concebem e expõem à sociedade.

A Arte Contemporânea é a que se manifesta no tempo atual. Por mais inconformados que os conservadores estejam, neguem ou discordem de como ela é ou virá a ser, ela continua sendo o que é. Ao invés de negar, denegrir e desacreditar é mais produtivo refletir, analisar, estudar e tentar entendê-la, quem sabe assim seja mais fácil compreendê-la, mesmo sem aceitá-la. Para fechar estas reflexões, uma performance de Michelangelo Pistoletto, adepto da Arte Povera.



Pistoletto, em suas últimas performances, se dedicou à quebra de espelhos. Talvez esta seja uma das funções das Categorias Estéticas: romper com a aparência especular da Arte para ver através dela. Pense nisto...